

A MAMOA 2 DE CHÃ DE CARVALHAL (Serra da Aboboreira, Baião)

por

Domingos J. da Cruz *

1. INTRODUÇÃO

Durante os trabalhos de prospecção desenvolvidos, em 1982, na área mais ocidental da Serra da Aboboreira¹, concomitantemente com a escavação do monumento designado Mamoa 1 de *Chã de Carvalho*², foi identificado nas proximidades deste último um pequeno montículo, aparentemente com carácter artificial, mostrando na sua área central uma depressão, ampla mas não muito profunda; não eram observáveis, por outro lado, quaisquer outros vestígios à superfície que permitissem a identificação mais precisa da sua natureza.

Em 1986, no contexto das escavações arqueológicas realizadas na Mamoa de *Monte Maninho*³ — que se localiza a SO, a cerca de 450 metros — fez-se nesta indelével elevação uma pequena sondagem. A decapagem superficial revelou, desde logo, uma estrutura de pedras, bem conservada na sua periferia, impondo-se por isso o alargamento da área de escavação, com vista ao seu conhecimento global. São os resultados dessa intervenção que agora se publicam⁴.

* Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra.

¹ Estes trabalhos foram subsidiados pelo Instituto Português do Património Cultural e incidiram sobretudo nas freguesias de Tabuado, Soalhães, Várzea da Ovelha e Gove. Agradecemos a colaboração de Ester Miranda de Varzim, Eduardo Beirão Reis e Orlando de Sousa que, conosco, percorreram vastas superfícies desta parte de Serra. Rel. inédito.

² A Mamoa 1 de *Chã de Carvalho*, bem como os monumentos que adiante se referem — Mamoa da *Lavra* e Mamoa de *Chã de Loureiro* —, foram estudados pelo autor, em 1986 e 1987. Rel. inéditos.

³ Cfr. CRUZ, D. J., *Escavação da Mamoa de «Monte Maninho» (Serra da Aboboreira-Baião)*, «Trab. Antrop. Etnol.», 27 (1-4), Porto, 1987, pp. 65-84, IV est.

⁴ Nos trabalhos de escavação agradece-se, muito particularmente, a colaboração de Augusto Lemos. Os desenhos, em gabinete, foram finalizados por J. Alfredo Lopes Barbosa.

2. LOCALIZAÇÃO

O monumento situa-se na área SO da Serra da Aboboreira, nas proximidades do *Outeiro de Espinho*, distando do marco geodésico *Salgueiro* (653,05 m), que lhe fica a norte, cerca de 120 metros (Est. I).

Este sector da Serra da Aboboreira corresponde a uma superfície de aplanção, muito erosionada, desenvolvendo-se, segundo a direcção NE-SO, com poucos acidentes topográficos. Os monumentos de *Chã de Carvalhal* implantam-se na encosta do *Out^o de Espinho* virada ao vale do rio Ovil; de fraco declive (<10%), esta superfície é atravessada pelo caminho carreteiro que liga as povoações da Lavra e Mesquinhata.

É à margem desta via, no seu lado sul — e próximo da confluência do caminho que, partindo para NO, conduz a Soalhães — que surge a Mamoa 2 de *Chã de Carvalhal*, distando cerca de 50 metros da mamoa 1, que se situa a ONO.

Administrativamente pertence ao distrito do Porto, concelho de Baião, freguesia de Grilo, e tem as seguintes coordenadas geográficas (seg. a «Carta Militar de Portugal», na escala de 1/25.000, fl. 125-Baião, 1984):

Latitude — 41° 08' 54" Norte

Longitude — 01° 03' 00" Este de Lisboa

Altitude — 635.90 metros.

O monumento integra-se no conjunto megalítico da Serra da Aboboreira⁵, constituindo com a mamoa 1, pela sua proximidade, o «núcleo» de *Chã de Carvalhal* (Est. I); outros vestígios arqueológicos pré-históricos, nomeadamente megalíticos, se conhecem nesta área terminal da Serra, destacando-se a já referida Mamoa de *Monte Maninho* e, nas proximidades da povoação da Lavra, no «tapado» do Pugido, a Mamoa da *Lavra*; neste contexto será, ainda, de referir a Mamoa de *Chã de Loureiro* — monumento de grandes dimensões, construído sobre uma pequena elevação natural, impondo-se, isolada, na paisagem — e o povoado pré-histórico da Lavra⁶ (Est. II).

⁵ Cfr. CRUZ, D.J., *Contribuição para o levantamento cartográfico do conjunto megalítico da Serra da Aboboreira (concelhos de Amarante e Baião)*, in «Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», I, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, 1980, pp. 23-40, III est., 1 mapa desd.

⁶ Cfr. SANCHES, M. J., *O povoado da Lavra (Marco de Canaveses)*, «Arqueologia», 17, Porto, 1988, pp. 125-134.

3. RESULTADOS DA ESCAVAÇÃO

A fase inicial dos trabalhos consistiu na limpeza superficial, com o corte da vegetação rasteira que cobria o monumento, e implantação dos pontos definidores da quadriculagem de uma vala de sondagem, orientada segundo o Norte magnético, com 2 metros de largura e 12 metros de comprimento.

A decapagem inicial revelou a existência, a pouca profundidade, de uma estrutura de pedras no quadrado E3 (Est. VI-2).

A detecção de evidentes vestígios arqueológicos obrigou ao alargamento da área a intervencionar, consubstanciada num rectângulo de 10x12 metros, subdividido em unidades de 2 metros de lado, e o levantamento topográfico da área de escavação e envolvente (Est. III), com a sua integração nos trabalhos topográficos mais amplos, envolvendo os monumentos 1 de *Chã de Carvalhal* e de *Monte Maninho*.

A escavação em superfície pôs a descoberto uma estrutura de pedras, de planta circular, medindo 7 metros de diâmetro, perifericamente bem conservada (Est. IV); dispondo-se no terreno em plano ligeiramente inclinado, no sentido N-S, elevava-se cerca de 50 cm, correspondendo às curvas de nível de 635.40 e 535.90 metros; na parte central do monumento, ao invés, observava-se uma ampla clareira, depressionada; a sua escavação revelou profundos remeximentos — terra solta misturada com pequenas pedras —, não tendo sido detectado qualquer elemento pétreo de tipo megalítico (Est. IV).

A vala de sondagem A3-A7 foi escavada até ao nível da base; no quadrado D3 desenvolvia-se uma depressão, escavada na alterite granítica, de contorno sub-rectangular, cujo eixo maior se orientava segundo a direcção NO-SE, medindo aproximadamente 1,60 m de comprimento e 0,80 m de largura. Nos quadrados C3 e B3 assinalaram-se várias linhas de factura do granito, segundo a direcção SO-NE.

A estratigrafia fornecida por esta vala de sondagem é precária, face às dimensões reduzidas do monumento e aos revolvimentos que terá sofrido; apenas no quadrado E3, sob a estrutura pétreo de revestimento (nível 2), foi possível definir uma camada de terras mais compactas, castanho-acinzentadas (nível 3), que corresponderão às terras originais do *tumulus*, como, aliás, a disposição das lajes do revestimento superficial permite concluir (Est. V).

A escavação forneceu, nas terras superficiais, alguns fragmentos cerâmicos, pertencentes, muito provavelmente, a dois recipientes, com as seguintes características:

- 4 fragmentos (D2), não decorados, de pasta compacta, com desengor durante constituído por grãos de quartzo e fragmentos de feldspato, de

calibre médio (0,5 mm) e pequenas partículas de mica; superfícies alisadas, castanho-claras; fracturas acinzentadas; esp. máx. de 6 mm; — 7 fragmentos (D2), não decorados, com as mesmas características técnicas; as superfícies, rugosas, apresentavam cor desigual: castanho-clara, na exterior, e castanho-escura, na interior; fracturas de cor negra; esp. máx. de 9 mm.

Nos quadrados A2 e A4 foram ainda recolhidos 25 fragmentos de um vaso feito à roda, de pasta muito friável, arenosa, com as superfícies e núcleo central de cor acinzentada, de cariz medieval, similares a outros provenientes de zonas remexidas dos monumentos de *Monte Maninho* e 1 de *Chã de Carvalhal*.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências detectadas não permitem interpretações muito amplas. Interesse, no entanto, registar, no contexto das investigações que têm sido feitas na Serra da Aboboreira, nomeadamente no seu conjunto megalítico, a existência deste pequeno monumento, situado na periferia de um outro, mais monumental.

Trata-se de um *tumulus*, não sabemos se ortostático, mas construído segundo a tradição megalítica. De facto, além do revestimento superficial de pedras — bem conservado no seu limite exterior —, que poderia estender-se pela sua área central, assinala-se também a construção prévia de uma mamoa em terra, pouco elevada.

Não é possível definir se esta mamoa envolveria uma câmara funerária, de tipo dolménico ou cistóide, mas a ausência dos elementos pétreos que a poderiam ter constituído não autoriza a conclusão simplista por outro tipo de sepultura.

A coexistência de sepulcos de dimensões e diferentes tipos não é, também, completamente inédita. No próprio conjunto da Serra da Aboboreira podem-se colher exemplos significativos, nomeadamente no núcleo de *Outeiro de Gregos*⁷, sendo de destacar as semelhanças, em alguns aspectos, entre o monumento em estudo e as mamoas 4 de *Outeiro de Gregos*⁸ e 2 de *Outeiro de Ante*⁹ — também *tumuli* de pequenas dimensões e muito baixos, dolménicos — e as diferenças,

⁷ Cfr. JORGE, V. O., *Importância do núcleo megalítico de Outeiro de Gregos, Serra da Aboboreira, Baião*, «Arqueologia», 3, Porto, 1981, pp. 29-35.

⁸ Cfr. CRUZ, D. J. e SANCHES, M. J., *Escavação da Mamoa 4 de Outeiro de Gregos — Serra da Aboboreira — Baião*, «Arqueologia», 11, Porto, 1985, pp. 26-39.

⁹ Cfr. GONÇALVES, A.H.B., *Escavação da Mamoa nº 2 de Outeiro de Ante — Serra da Aboboreira — Baião*, «Arqueologia», 9, Porto, 1984, pp. 22-44.

relativamente às estruturas de tipo «cairn»¹⁰.

Tal situação também se assinala em outras regiões, nomeadamente na Beira Alta. É o caso da *Antela do Repilau* (Couto de Cima, Viseu)¹¹, que se situa, em posição topográfica distinta, nas imediações do dólmen localmente conhecido por *Lapa do Repilau*, da *Cista dos Juncais* — aparentemente sem *tumulus* —, na periferia da *Orca dos Juncais* (Queiriga, V.N. de Paiva)¹², e da *Cista de Fonte da Malga* (Côta, Viseu), próxima de uma mamoa dolménica e integrando um conjunto de *tumuli* de volumetria diferenciada¹³.

Na análise desta problemática são de considerar duas situações distintas.

Alguns destes pequenos monumentos — implantados na proximidade de outros, mais monumentais — poderão ser cronologicamente próximos, acentuando-se, neste caso, as similitudes construtivas — como parece ser o caso da Mamoa 2 de *Chã de Carvalhal* — assumindo o espaço sepulcral o verdadeiro significado de necrópole, no sentido de uma utilização consecutiva.

Outros, mais tardios — cistas dos *Juncais*, *Fonte da Malga*, etc. —, inserir-se-ão no contexto da recuperação de antigos espaços funerários, diferenciando-se dos monumentos que lhe são próximos, quer tipologicamente, como no próprio ritual, correspondendo a sociedades culturalmente distintas.

No caso em apreço parece que a Mamoa 2 de *Chã de Carvalhal* se inserirá, pelas características construtivas que evidencia, no conjunto de monumentos mais comuns da Serra da Aboboreira — estrutura megalítica com mamoa e cobertura pétreia superficial —, não sendo de formular a hipótese de um grande distanciamento cronológico relativamente ao monumento que lhe é mais próximo, a Mamoa 1 de *Chã de Carvalhal*, datável dos inícios do 2º milénio a.C.

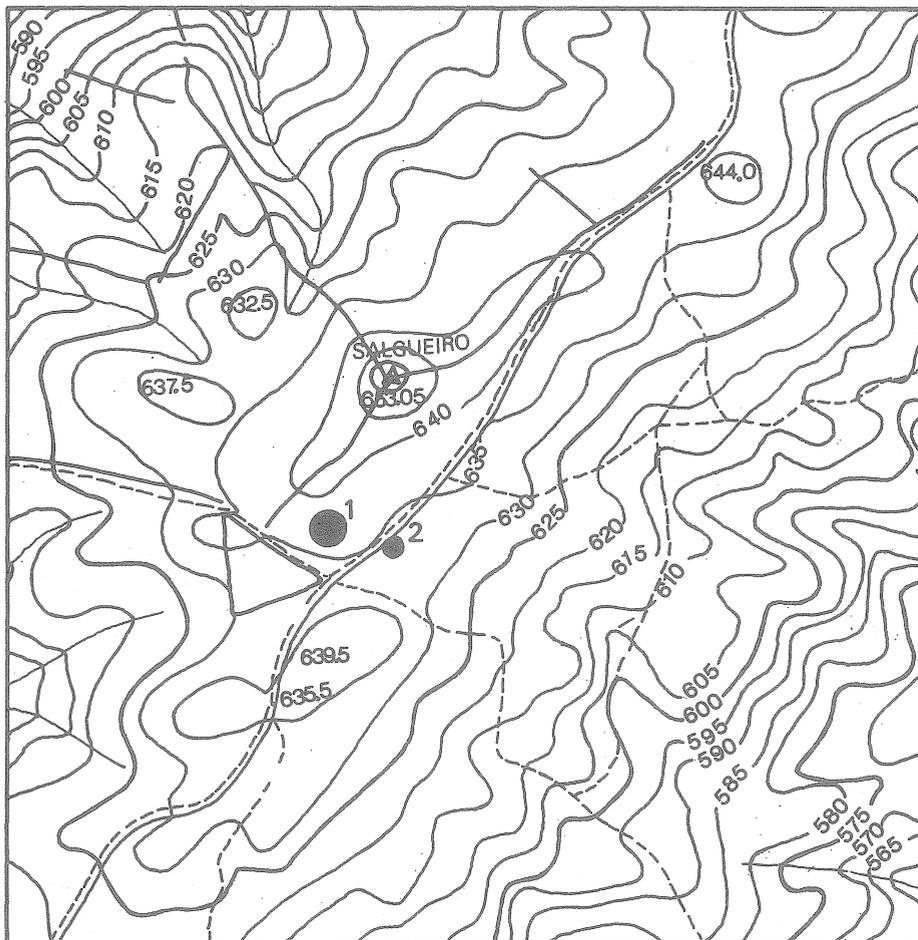
Coimbra, Agosto de 1990

¹⁰ Referimos, a título de exemplo, a Mamoa 5 de *Outeiro de Gregos*. Cfr. JORGE, V.O., *A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um «tumulus» não megalítico da Serra da Aboboreira*, «Arqueologia», 6, Porto, 1982, pp. 32-39.

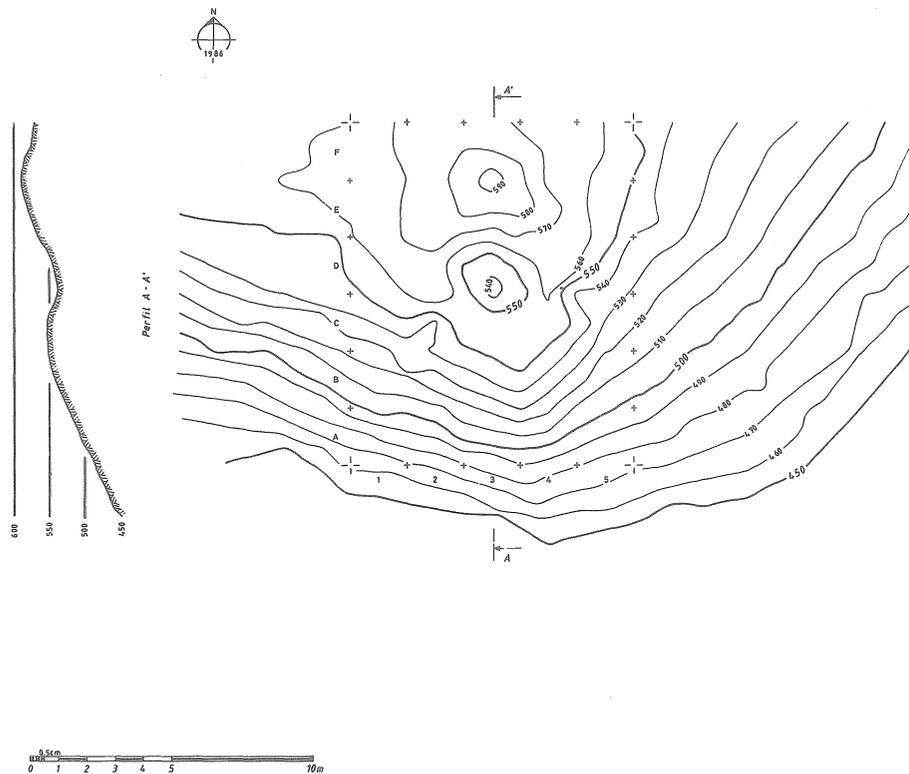
¹¹ CRUZ, D. J., CUNHA, A.M.C.L., GOMES, L.F.C., CARVALHO, P.M.S., *Escavação da Antela do Repilau (Couto de Cima, Viseu)*, «Beira Alta», 48 (3-4), Viseu, 1989, pp. 387-400.

¹² Os dólmenes do *Repilau* e dos *Juncais*, ambos de corredor desenvolvido e câmara poligonal, foram recentemente intervencionados, no âmbito de um projecto de estudo e valorização de monumentos megalíticos, desenvolvido pelo Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro. Os resultados desses trabalhos encontram-se em preparação para publicação.

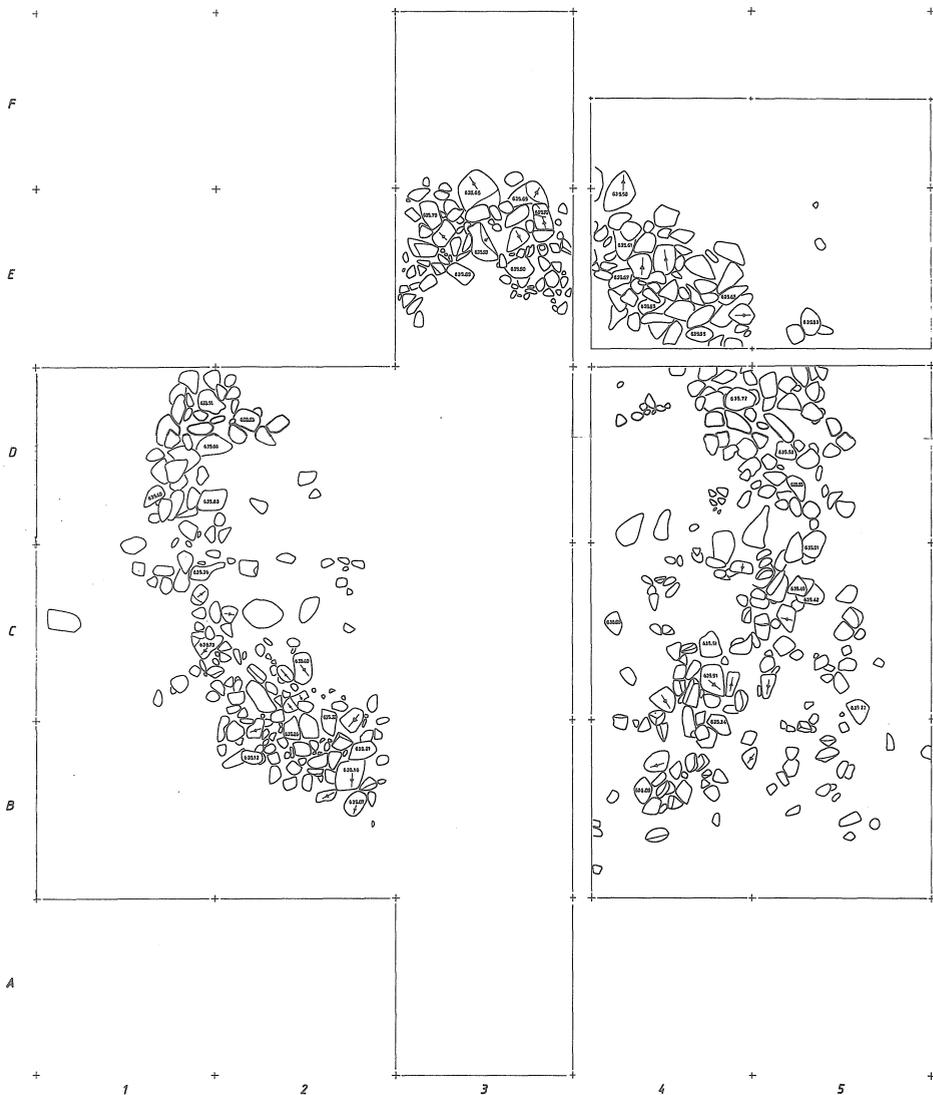
¹³ Cfr. KALB, P., HÖCK, M., *Ausgrabungen in der grabhugelnekropole Fonte da Malga (Viseu, Portugal)*, «Madrider Mitteilungen», 20, Berlim, 1979, pp. 43-55, 2.ª ed., IV est.; vd. versão em português: «Beira Alta», 38, Viseu, 1979, pp. 593-604.



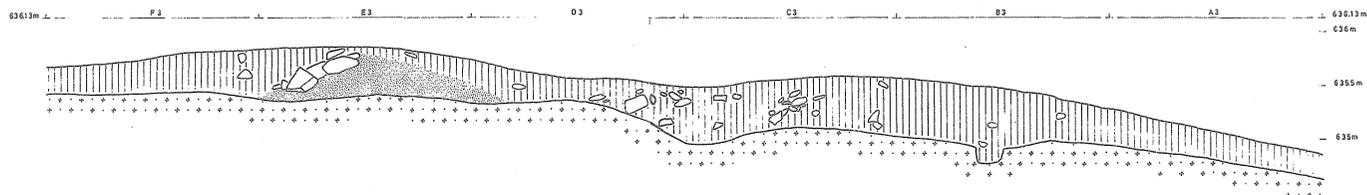
Localização das mamoads 1 e 2 de *Chã de Carvalho*. «Levantamento Aerofotogramétrico do Concelho de Baião», na escala de 1/5.000, fl. 125.3.2, 1984.



Levantamento e perfil topográfico da área quadriculada e envolvente,
na escala de 1/100.



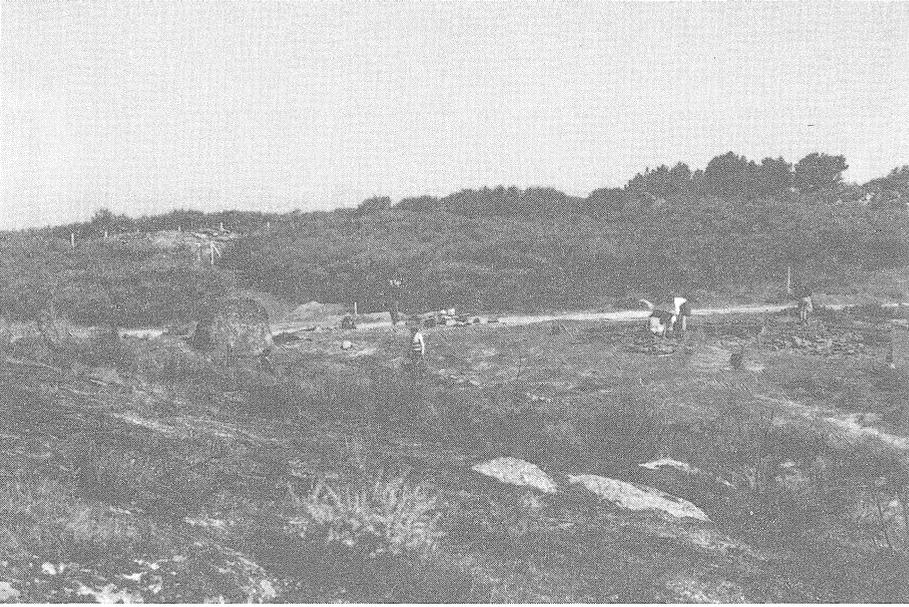
Planta do monumento.



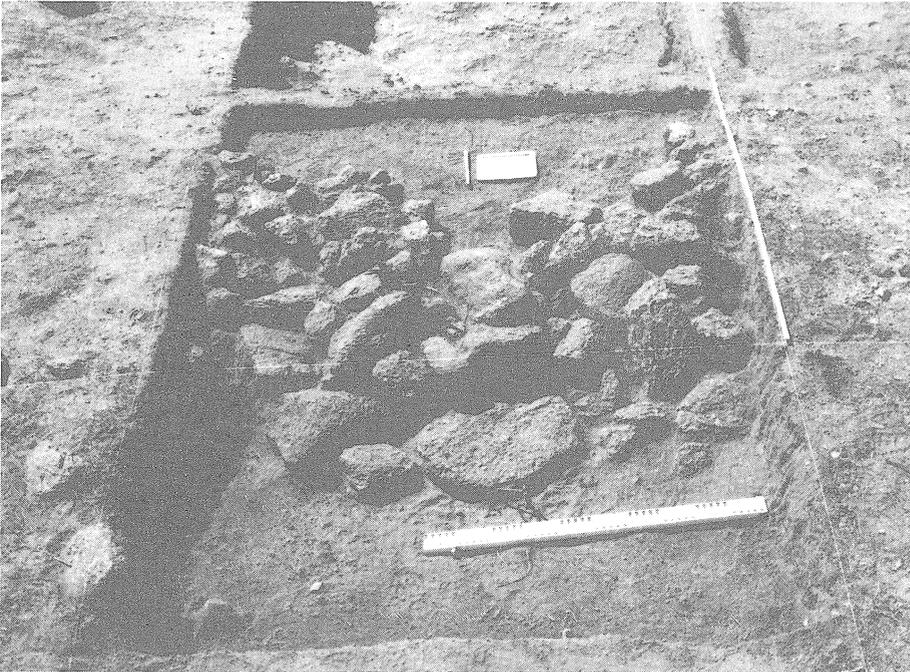
CORTE ESTRATIGRÁFICO



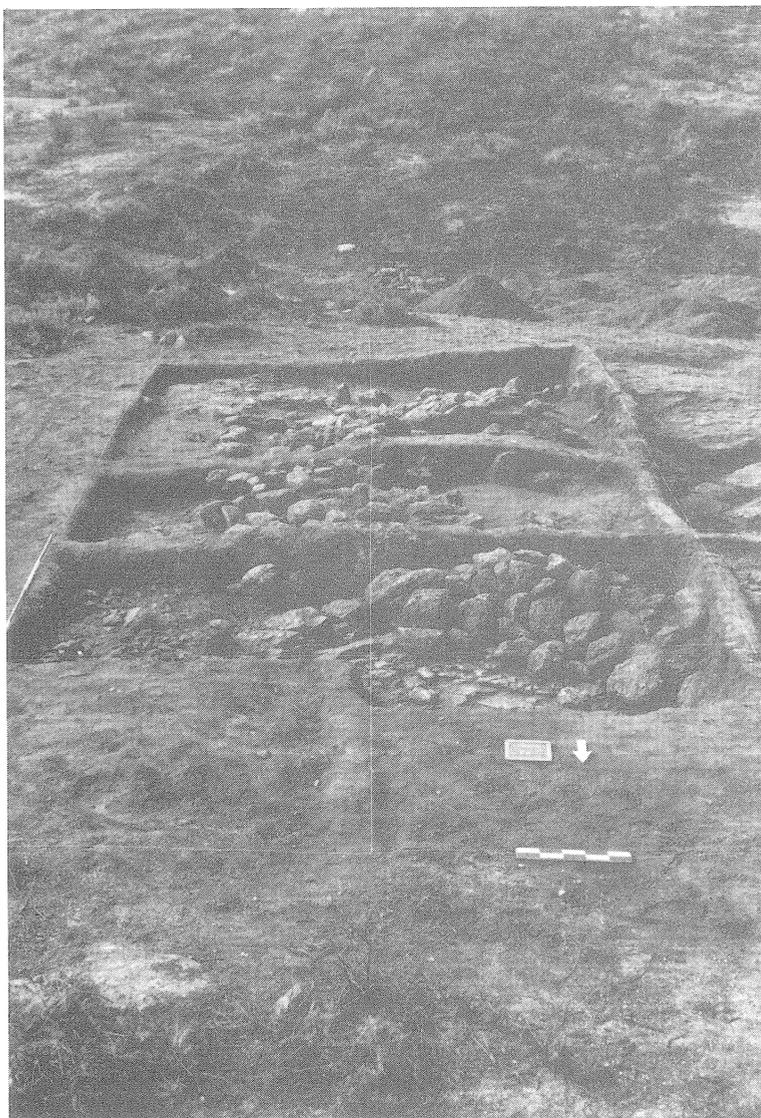
Corte estratigráfico N-S. 1— terras superficiais, húmosas, com muitas raízes; 2 — estrutura pétreia de revestimento; 3 — terras do *tumulus*, *in situ*, compactas, de cor castanho-acinzentada.



1 — Perspectiva dos monumentos 1 e 2 de *Chã de Carvalhal*, obs. aprox. de sul.



2 — Pormenor da estrutura pétrea. Quadrado E3. Vista de norte.



Aspecto do sector Este, obs. de norte.